



CINEMA PARADISO

Boletim n. 282

São Paulo, 20 de janeiro de 2011



Próxima reunião: 30/01/2011 - DOMINGO às 16:00 h.

O CONCERTO

(Le Concert)

Direção: Radu Mihaileanu

BELAS ARTES – UMA LUTA QUE INTERESSA A TODOS



Cada vez mais me convenço de que as generalizações são muito perigosas. É muito comum ouvirmos frases como: “o cinema de arte morreu”, “ninguém mais quer ir ao cinema ver bons filmes”; “os jovens são da geração do big-brother, só vêm porcaria”, “só é seguro ir a shoppings, os cinemas de rua estão vazios, são deficitários”, “o povo não tem memória, nem liga para as transformações da cidade”... Pois nada disso se confirmou nos últimos dias em São Paulo. A notícia do iminente fechamento do Cinema Belas Artes, situado na famosa esquina da Consolação com a Paulista, onde funciona desde 1943, provocou muita indignação e principalmente os jovens saíram às ruas de forma espontânea exigindo a manutenção do cinema naquele ponto da cidade. As passeatas foram muito bem recebidas pelos pedestres e motoristas, demonstrando que o interesse de um proprietário de imóvel está na contramão do desejo das pessoas.

O que aconteceu é que o cinema, embora já tenha passado por sérias crises, no momento tem patrocínio que pode bancar o exorbitante aluguel do prédio. O atual proprietário (que herdou o imóvel há pouco tempo) depois de ter feito o acordo com a renovação do aluguel, voltou atrás porque recebeu uma proposta com valor muito maior de uma loja. Perguntas que emergem: o dono de um imóvel tem esse direito? Um proprietário de imóvel deveria ser sensível ao uso público que se faz do seu bem? O estado deve intervir no uso de uma propriedade privada que seja de interesse público? Nós, cidadãos,

devemos nos conformar com o fato do proprietário “ter direito” de lucrar ainda mais com seu imóvel? Onde entra a vida cultural da cidade nessa história? E é aí que a indignação da juventude nos dá um baile de cidadania, porque, inconformados, saíram às ruas e contribuíram decisivamente para que se entrasse com um pedido de tombamento do prédio (pelo seu valor social e não pelo valor arquitetônico). O pedido foi aceito pelo CONPRESP e nos próximos 90 dias será analisada a possibilidade do tombamento do prédio como cinema, isto é, seu uso só pode ser para salas de exibição de filmes.

O Grupo Cinema Paradiso tem tudo a ver com essa batalha, pois o Belas Artes é a nossa cara. Há 15 anos discutimos filmes que consideramos profundos, que permitam várias leituras, de diversas nacionalidades. As pessoas que frequentam nosso grupo são apaixonadas por cinema e não por shopping ou pipoca do cinemark.

Na reunião de domingo passado, escolhemos o próximo filme – **O CONCERTO** - com o critério de ser um filme bom que estivesse sendo exibido no Belas Artes. Foi a forma que o grupo encontrou de homenagear esse cinema. Estou representando o grupo na comissão que organiza essa resistência cultural.

Prometo manter vocês informados, mas já sabemos que essa luta vai longe e tem muitas chances de vitória.

Cláudia Mogadouro

Foto da passeata cedida por Daniel Celli.



CIDADE HOSTIS

Uma loja de discos que fecha suas portas no Rio, um cinema que faz o mesmo em São Paulo e sabe-se lá quantas livrarias brasileiras, principalmente as de pequeno porte, não estão correndo igual risco neste momento. Os espaços de convivência adulta e civilizada diminuem. Se podemos “baixar” discos, ver filmes no vídeo ou comprar livros pela internet, para que sair de casa, enfrentar o trânsito, lutar pelo estacionamento e roçar cotovelos com outros, ora veja, seres humanos?

O avanço da tecnologia parece nos conduzir à independência, à liberdade e à autossuficiência. Dito assim é bonito. Já não o será tanto se convertermos a frase à sua verdadeira essência -a de que tal avanço está nos condenando ao individualismo, ao egoísmo e à solidão. E não sei também se esse comodismo não denotará uma certa dose de covardia em relação à vida.

Você dirá que as cidades ficaram hostis, inseguras, impróprias para uso humano, e que bom que a tecnologia nos permite certos

confortos. Eu diria que exatamente por isto deveríamos lutar pelas cidades -por cada cidadela de delicadeza que elas ainda comportem.

Um cinema que fecha é uma calçada, um pipoqueiro e uma fila a menos numa cidade. É mais um quarteirão sem luzes, sem movimento noturno e sem possibilidade de encontros, amigáveis ou amorosos. É um lugar a menos para flunar, para fazer hora, até para paquerar. E é também um cenário a menos para que os jovens descubram e troquem ideias sobre cultura, história, comportamento.

Não acho que os cinemas devam continuar abertos mesmo que às moscas. O que lamento é a perda dos ditos espaços de convivência nas cidades. Para cada cinema, loja de discos ou pequena livraria que sai de cena, um supermercado, banco ou farmácia toma o seu lugar, ocupa-o agressivamente e nos embrutece um pouco mais.

Ruy Castro

Artigo publicado no jornal Folha de SP em 07/01/2011

CINE BELAS ARTES: LUTA OU SAUDADES DO FUTURO

Em *A Cidade Invisível*, Ítalo Calvino descreve a memória das cidades e a importância da paisagem urbana (re)conhecida por seus habitantes. As ruas, becos e postes familiares — e como objetos de memória integrados à vida das sociedades locais

Por **Silvio Tandler***, especial para o Vermelho**

Uma concepção e uma vivência bem distintas. Na minha cidade, o Rio de Janeiro, assisti ao massacre de minha memória de cinéfilo. A noção de progresso, submetida à força do capital, sempre fala mais alto e o valor de um prédio mede-se mais pela taxa dos impostos urbanos do que pelas lembranças que traz do seu uso.

Meus cinemas de infância e juventude em Copacabana — Metro, Art-Palácio, Copacabana, Caruso — viraram loja de departamentos, sapataria, academia de ginástica e banco, respectivamente. O Alvorada sumiu na poeira da cidade. Outros usos tiveram o Ricamar, que SE transformou em centro cultural da prefeitura, e o Riviera, que virou boate gay.

O Rian, vítima de um incêndio suspeito tornou-se um mega hotel. Do cinema, ficou a imagem do público dançando rock durante as sessões em que era projetado **Balanço das Horas**. Os jovens da "geração da Lambreta", da **Juventude Transviada**, iam terminar a festa nas areias de Copacabana embalados pela música de Bill Halley e seus Cometas. As gatinhas dos anos '50 hoje passeiam com seus netinhos pela praia e não se reconhecem no portentoso hotel. Apenas a lembrança de uma juventude bem vivida.

Das minhas memórias de cineasta, as perdas mais dolorosas foram o Caruso, no Rio de Janeiro, onde lancei **Os Anos JK** e batemos em bilheteria **Mulher Nota Dez** (com a Bo Derek).

E agora me entristece a notícia que o cine Belas Artes, em São Paulo, vai virar "outra coisa". Os herdeiros do falecido dono do prédio querem retomá-lo. Lembro-me daqueles dias também ali, das filas virando curva na esquina, do público aplaudindo de pé, primeiro **Os Anos JK**, em seguida **Jango**, filmes que contavam a saga da luta por democracia. Havia uma cumplicidade entre cinema e história, espectadores e cidadãos. Era tudo a mesma coisa.

Os amigos telefonavam de São Paulo — não havia internet, nem

correios eletrônicos ou e-mails — e contavam emocionados as notícias dos filmes aplaudidos de pé no final da sessão. De um tal político que foi assistir, se reconheceu na tela e saiu emocionado, ou de tal outro que saiu indignado com a "parcialidade" da obra. A última sessão que participei como cineasta foi ano passado, em 2010, com **Utopia e Barbárie**, promovida por defensores públicos.



Significativamente, o filme é a minha tentativa de contar um pouco a história das nossas lutas históricas.

O cine Belas Artes parece que vai acabar, os jornais trazem notícias que sugerem um fato consumado. Dão conta da indiferença do prefeito e dos cidadãos diante do ocaso de um dos últimos cinemas de rua (que faz do espetáculo algo bem diferente do "cinema de shopping").

Entretanto, como um bom e teimoso sonhador, desses que, com Thiago de Mello, pretendem ainda e sempre cavalgar os sonhos, insisto em me perguntar: "Devemos assistir, nostálgicos, à destruição do sonho futuro de um mundo mais humano para a cidade e para as nossas vidas? Não cabe aí um pensamento de resistência? Numa ação que, plenamente possível, repousa nas organizações sociais de uma cidade que fermenta e transpira, por mais frios que sejam os gestores públicos, no calor de suas vespertinas ou notívagas agitações culturais? Na possibilidade de uma ação que movimentaria a vida cultural daquela que já foi mais que jocosamente a paulicéia desvairada?" Podemos acreditar?

*Silvio Tandler, cineasta. ** Colaborou Luiz Carlos Antero.

Site: www.vermelho.org.br

Foto da passeata de 15/01/11 cedida por Daniel Celli

DEPOIMENTO DO CINEASTA CARLOS REICHENBACH *



O Belas Artes, para mim, está ligado a duas pessoas essenciais para a cultura de ponta e a cinefilia prospectiva dos anos 60 e 70: Dante Ancona Lopes e Bernardo Vorobov. Dante praticamente "inventou" as chamadas salas de repertório em São Paulo. Como gerente da Franco Brasileira, na capital paulista,

presenteou a cidade com o Coral, o Scala e o Normandie, onde ficamos conhecendo a cepa da nouvelle vague e o melhor do cinema político italiano. Por esta razão, tanto o Coral quanto o Belas Artes (outra "ideia" do Dante), chegaram a ser pontos suspeitos e visados da polícia política e do CCC. Eu, Bernardo Vorobov e Jairo Ferreira tivemos provas concretas disso.

Vorobov convenceu Ancona a transformar o porão do Belas Artes num salinha de pouco mais de 60 lugares. Este espaço luminar (que está inclusive "documentado" em Lilian M, Relatório Confidencial), foi o lugar onde cineastas da minha geração, eu inclusive, pudemos assistir em primeira mão - ou exclusivamente - filmes que mudaram nossas

vidas e carreiras. Foi lá que Rogério Sganzerla viu **Labareda**, de Yoshishige Yoshida, e resolveu usar o Cinemascope na mão do operador de câmera, em **Copacabana, Mon Amour**. Foi lá que descobrimos o cinema radical e avançado de Luiz Rosemberg Filho, testemunhando a única exibição de *Imagens*, em São Paulo, cujos negativos desapareceram. Fui lá que assisti **Manhã Cinzenta**, o filme maldito de Olney São Paulo. No Belas Artes vimos a maior retrospectiva do cinema revolucionário dos anos 60, com direito a **Não Reconciliados**, de Straub, **Os Sem Esperança**, de Jancsó, **O Jovem Toerless**, de Schloendorff, e um vasto etcetera. Em suma, foi na "salinha do Bernardo" (era assim que nós chamávamos) que exercitamos - cotidianamente - a liberdade, nos anos ardentes.

Cada cinema de rua que fecha é o mesmo que uma biblioteca desativada ou uma praça pública depredada. Seja em São Paulo, ou pior ainda no interior, equivale a necrose da artéria da vida social da aldeia. Não vejo paliativos para "salvar" patrimônios culturais enfermos e/ou ameaçados; a solução será sempre extrema. Tombamento já!

*Artigo publicado no jornal O Estado de São Paulo, em 08/01/2011

Saudamos o nascimento de LUNA, no dia 13/01, filha dos nossos amigos cinéfilos Aline e Sílvio.
O Grupo Cinema Paradiso deseja muitas felicidades à nova família!

COTAÇÃO 2011

Tetro9,57

Edição / Diagramação:

Cláudia Mogadouro / Janete Felix Palma

e-mail: janetepalma@gmail.com

<http://www.grupocinemaparadiso.com.br>